

escrita

1

guatá - cultura em movimento - março -2006

palavra

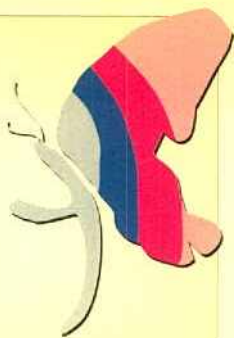
Alexandre Palmar - Beth Vilasboas - Carlos Luz - Denise de Camargo
Diego Antonelli - Fabiula Wurmeister - Izel Talavera - Julliana Aquino
Mônica Venson - Paulo Bogler - Rubens Dionísio - Silvio Campana

olhos

Áurea Cunha
Helena Mestres
Maria Cheung
Lalan
Lucia Misael
Roger Silva
Simon Ducroquet
Yogo

Butterfly

acessórios



Bolsas

Bijoux

Cintos

Camisetas

Presentes

(45) 3522.2590/ramal 205

Av. Costa e Silva, 1601 - sala 26

Terminal Rodoviário de Foz do Iguaçu - Paraná - Brasil

TEL: (45) 3025-3770



- WEB SITES
- NEWSLETTER
- CD ROM MULTIMÍDIA
- HOSPEDAGEM
- MARKETING DIGITAL
- MANUTENÇÃO

BRDIGITAL
MULTIMÍDIA

RUA RUI BARBOSA, Nº: 1032, SALA 50
SHOPPING MERCOSUL - CEP: 85851-170
FOZ DO IGUAÇU - PR

WWW.BRDIGITAL.COM

rogerioartes

ateliê de pintura painting studio



aulas de pintura
desenho
exposição permanente

av brasil 665 galeria edine
sala 14 térreo

3523-3895 99157890

rogerioartes@yahoo.com.br



escrita

1

- 05 - História breve
- 06 - Dia da mulher de Edu
- 08 - "Bruno"
- 09 - Olhos - Roger
- 11 - Das estações
- 12 - Te encontro na praça
- 14 - De já vu na fronteira
- 16 - Despedida
- 17 - Olhos - Simon
- 18 - Sepé: por terra e liberdade
- 20 - Apelo à diferença
- 24 - Pequenos poemas temporais
- 25 - Olhos - Helena Mestres
- 26 - Olhos - Maria Cheung
- 27 - O parto de Ler
- 28 - Olhos - Áurea Cunha
- 30 - Pessoas
- 32 - Olhos - Lucia Misael
- 33 - Jullianna Aquino
- 34 - Olhos - Lalan
- 36 - Névoa dos inocentes
- 37 - Olhos - Yogo
- 38 - Um toque

"Yaguareté",
entalhe em madeira branca
produzido na aldeia M'Bya Guarani,
de Puerto Iguazu, Argentina.

Ponte da Amizade
liberada pela chuva.
Fotos: Áurea Cunha



Neste encontro de rios e sotaques, ladeados pela terra vermelha e guarani, somos todos caminheiros escolhendo os passos, *tanteando* uma velocidade possível para a aventura de existir. Longe de homogêneos, somos um fluído complexo, de viscosidades e colorações múltiplas; e o segredo para a nossa sobrevivência está nessa capacidade de transgredir à formatação, ao senso comum, à apatia.

Eis então que, reunir, registrar e diversificar o tom das expressões contidas em nossas contradições e semelhanças sejam a tarefa realizável.

A revista Escrita é caminho para novas leituras e leitores dessa experiência coletiva na fronteira, onde tantas culturas e sentimentos se confrontam, transitam e convivem.

Das imagens e textos de nossas páginas sempre queremos o melhor, que é a capacidade de mover outros a doarem parte de suas experiências em letras, traços e sombras.

Boa revista! ☀

Escrita é uma publicação da Associação Guatá - Cultura em Movimento, entidade de finalidade artístico cultural, com sede em Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil.

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da entidade.

Conselho Editorial: Carlos Luz, Maria Benedita, Paulo Bogler, Richard de Souza e Sílvio Campana.

Editor: Sílvio Campana - Mib. 20572 - 3023/11/131 **Redação:** Paulo Bogler, Carlos Luz e M. Vasquez.

Revisão: Carmen Luzia A. Dos Santos **Foto da Capa:** Áurea Cunha **Projeto Gráfico:** Sílvio Campana

Colaboradores nesta edição: Alexandre Palmar, Áurea Cunha, Beth Vilasboas, Carlos Luz, Denise de Camargo, Diego Antonelli, Fabiula Wurmeister, Helena Mestres, Izel Talavera, Jullianna Aquino, Lalan, Lucia Misael,

Maria Cheung, Mônica Venson, Paulo Bogler, Roger Silva, Rubens Dionísio, Sílvio Campana e Simón Ducroquet.

Tiragem desta edição: 2.500 exemplares

Guatá
cultura em movimento

* *REPORTAGENS,*
* *PUBLICIDADE,*
* *RETRATOS*

Aurea Cunha
FOTOGRAFIAS

Telefone: (45) 99774490
Foz do Iguaçu - Paraná

BOM PARA
VOCE
BOM PARA
O BRASIL



www.bempublico.com.br



Cidadania
Meio ambiente
Inclusão social
Inclusão digital
Responsabilidade social
Desenvolvimento sustentável

Emoção à flor da pele!

Violet Claire

Moda feminina e masculina
Jeans, acessórios e lingerie

Av. Brasil, 950, Foz do Iguaçu
www.violetclaire.com.br
Fone: (45) 3027.4167

Preço de
etiqueta! **5** X no BonusCred.
À vista,
desconto de **10%**

Painel da exposição
"Todas as Cores do Mundo",
com o retrato da iguaçuense
Sebastiana Borba Ferreira.
Foto de Áurea Cunha

história breve

SILVIO CAMPANA

Há histórias que surgem apenas de um aceno, uma única conversa. Histórias breves que se criam e se nutrem numa lembrança boa, exigindo espaço na memória. Sebastiana Ferreira foi assim.

Eu a vi uma vez só, relativizando sua importância com palavras econômicas. Ela dava uma entrevista à fotógrafa Áurea Cunha, que pesquisava personagens para sua exposição "Todas as Cores do Mundo". Sebastiana, com 90 anos à época, nascida em Foz do Iguaçu, tornou-se a brasileira nata da coleção que reúne, através de retratos femininos, a diversidade étnica da cidade.

Sua sinceridade pausada, sem pressa, ao responder à curiosidade da entrevistadora sobre como era a vida

de uma mulher na triplíce fronteira no século passado, ensinou-me um pouco mais sobre a dignidade dos que povoaram de perseverança as ruas e trilhas destas paragens em tempos de isolamento e trabalho duro. Filha de lavadeira argentina e peão gaúcho, Sebastiana foi babá, cozinheira e ajudou seu marido, o nordestino José Vicente Ferreira, a administrar uma pensão.

Depois, por intermédio de outras pessoas, também fiquei sabendo da sua dedicação aos trabalhos filantrópicos da Sociedade Espírita Amor e Caridade, organizada por José Vicente.

A velhinha Sebastiana, que enxerguei tardiamente, passou, sim, pela vida como uma estrela. Uma dessas luzes, lapidada pelo silêncio do anonimato, que volta e meia brilha ao cruzar com a gente. ☀

Silvio Campana é jornalista em Foz do Iguaçu.



Nunca tive problemas com os que vinham de fora,
sempre prezei pelo respeito ao espaço do próximo.

“Nunca tive problemas con los que venían de afuera,
siempre encontré el respeto por el espacio del prójimo.”

“I never had any problems with foreign people.
I've always looked for respect and space.”

Sebastiana Borba Ferreira

B R A S I L

90 anos, dona de casa. Morou em Foz do Iguaçu desde 1914.

Señal: 90 años, ama de casa. Vivir en Foz del Iguaçu desde 1914.

Señal: 90 years old, housewife. Lived in Foz since 1914.

O Dia da Mulher de Edu

BETH VILASBOAS

Para Edu, o verdadeiro 08 de março que originou o dia internacional das mulheres foi o de 1970, quando ele nasceu de Maria.

Sétimo filho, de parto natural, normal pela dor, pela sangria, pela quase extrema agonia da mulher de saúde franzina e espírito forte, que vinha, desde o sertão nordestino, refém do destino, fugindo da morte. Ela o pariu de pura pirraça, às leis da Santa Madre Igreja, aos direitos do marido e aos deveres da esposa, à ignorância que naquele fim de mundo, há menos de vinte quilômetros da cidade, a mantinha cativa.

Ele deveria ter nascido dias an-

tes, mas teimou em não se desgarrar das entranhas quentes. Puxado pelas Irmãs de caridade, santas mulheres carentes, crentes e persistentes, demorou para abrir os belos olhos verdes. A boca faminta, voraz, sequiosa, tão logo tocou os mamilos inchados, sugou-os até mais não poder. Aconchegado ao colo magro e morno de Maria, ganhou sustança e adormeceu tranqüilo, sem medo.

Foi ninado, cuidado e mimado por Maria, por Joana, Margaretê e Sofia. Na roça de café, trabalhando mais que homem, na mina lavando a roupa de todos, a mãe ia criando seu rebento, sempre ali, mesmo ausente, dava beijos, dava palmadas, dava mamadas, gritava e o ensinava...

Moleque, irritou-se com o mulherio. Apaixonado pela professora de Matemática, encantado com a assistente social da escola, decepcionou-se com as irmãs tão chatas, mandonas, feias, umas filhas da puta que queriam obrigá-lo a tomar banho, pentear os piolhos, abotoar a camisa, escovar os dentes, comer de boca fechada, limpar os pés para entrar em casa, falar baixo, mijar

antes de dormir no sofá e dormir na cama sem mijar nela. Ah, bruxas! A mãe, porém, mesmo surtada - porque surtou após o nascimento do oitavo filho, - ou até pelo comprometimento de sua compreensão do mundo, aquietava-se ao seu lado e afagava-lhe a cabeça num cafuné sedativo ou massageava-lhe os pés encardidos enquanto falava de angústias, dores e alívios e a cada instante intercedia: *Deus te abençoe, meu filho!*

Edu foi trabalhar. Ria dos absurdos do cotidiano. Bom caráter e sedutor alegrava o ambiente com sorrisos, olhares, palavras ao léu, suaves toques, insinuadas promessas, nunca cumpridas, mas tão esperadas e queridas.

As colegas faziam-lhe confidências, admiravam-se de que ele as compreendesse tão bem.

- Ah, deve ser porque ele nasceu no dia internacional das mulheres! - arriscavam cheias de pensamentos.

- Não, minhas queridas, o dia das mulheres nasceu comigo! Venham a mim, porque eu entendo vocês como ninguém...



Uma redação escolar e algumas falas da Marta Suplicy na TV, no programa dedicado à Mulher, que trazia de contrapeso o Clodovil, resumia seus conhecimentos sobre a história da liberação feminina e o autorizava a oferecer-se como o verdadeiro fato, o marco, o grande sinal de que a vida das mulheres deveria mudar para melhor, a partir dele.



E as moças achavam graça. Ele ria também. Elas gostavam, suspiravam, encolhiam-se, chamavam-no convencido e testavam-no com uma série de pegadinhas, tapinhas e pequenos desaforos.

- Cuidado, eu posso incendiar todas vocês, hein!?

Elas o cercavam ruidosas, confiantes e seduzidas. Eram sempre acolhidas:

- Que tristeza é essa minha filha? Vem cá me conta o que está acontecendo.

E a chorosa contava, sem pudores, sobre as brutalidades do marido, do pai, do irmão, as

implicâncias da vizinha, as doenças do filhinho, a falta de dinheiro, a vontade de sumir.



A bondade que aprendera de Maria e sua própria filosofia jorjavam em afetuosas palavras de consolo. O calor do abraço e o bafo quente no cangote da sofredora completavam o curativo. Ela ia feliz e agradecida por toda a eternidade. Os colegas olhavam-no com respeitosa admiração.

Acreditava-se mesmo amante de todas as mulheres do mundo. Era sensível aos seus clamores e indignava-se com as injustiças por elas sofridas. Queria proteger todas elas. Seguia ouvindo-as, abraçando-as e exalando sua macheza em muito amores, promovendo a libertação de suas almas femininas. Entretanto cedo, muito mais cedo do que gostariam as mulheres de sua vida, Edu sentiu-se muito só. Queria a *sua* Maria!

Achou-a entre as pilhas de pacotes de uma fábrica de doces, nu-

ma manhã quente de dezembro. Olhou pra ela com o mesmo interesse que dedicava a todas. Regozijou-se, como sempre, ao ver os olhinhos femininos brilhando. Deixou vir à sua mente o mesmo pensamento safado: *Ê, minha nêga, o que você precisa eu tenho!*



Ela, no entanto, sabia que possuía tudo o que ele precisava, com urgência. A dignidade de Maria cercava-a como uma aura de luz, que refletiu nele a sua própria fraqueza. Retirado de si mesmo, levitou e enlevou-se por ela.

Edu de Maria vive feliz com sua operária emancipada e mais duas mulheres que o chamam de pai. Maria de Edu cuida de Maria Mãe, que ainda cuida de Edu, que a ama também! ☀

Beth Vilasboas,
formada em Letras, é
funcionária da Sanepar em
Foz do Iguaçu.

UM CONTO DE RUBENS DIONÍSIO

Bruno

A cidade que sempre dorme. Naquele dia, acordou. Desço as avenidas, viro esquinas, sou dono das ruas, entro em um beco errado. Na distância, vejo homens, o ruivo carrega um torso. Pego o pelos lados, suja-se, joga no porta-malas. Sem pernas, sem braços, mas reconheço o rosto. Os cabelos grandes, negros, cacheados, agora cortados, assim como os membros, por vontade daqueles lobos. O rosto esguio, no fundo do porta-malas. Mataram o único amigo que eu tinha. O ruivo me percebe. Aparecem outros. O menor eu também conheço, veio do interior pra cá, e o mais alto, pálido, estudava comigo uns anos atrás.

Aproximam-se de mim, me viro, vejo outros dois. Finjo não entender,

eles fingem também, não me olham, tento escapar, o europeu magro passa encostando o ombro contra o meu. Carregava uma galinha. Quem sabe eu tenha me enganado, e aqueles rostos não eram de ninguém, ou quem sabe eles não têm interesse por mim, apesar do que eu tinha visto. Passo rápido, nervoso, tremendo pelas quadras, todas desertas. O de roupas coloridas e máquina fotográfica me segue. Num carro passando no sentido contrário, vejo a mulher.

Mataram o Bruno. Estudava publicidade, ou artes, qualquer coisa assim. Fiquei amigo de uns amigos dele; ele, dos meus. Bom sujeito não merece ser esquartejado.

Atravesso as ruas mais largas. Mais umas quadras e eu escapo. Aí vou na polícia, falo com todo mundo, damos o troco nesses caras. Mas ando por todas as avenidas e não vejo ninguém. Os prédios, assim como os telefones, todos

mudos. Vou chegando no ponto mais alto da cidade, e quando a visão se abre, encontro o ruivo, o rapaz do interior, o pálido, o europeu, o fotógrafo, a mulher, agora não em um punhado, mas à frente de todos os sobreviventes que eu esperava ter encontrado antes. Cercam-me, vejo todos os rostos conhecidos, desfigurados pelo não-ódio, mortos-vivos. Os seis se aproximam, lembro de cada um, dos textos não escritos, dos filmes por fazer, de cada plano pro futuro. Na face deles, via cada zumbi comedor de cérebro que eu peguei na locadora.

O ruivo põe a mão sobre o meu rosto, me sufoca, os outros abrem meu tórax. Lembro do Bruno, acho que caio. Começo a duvidar que exista alguma morte que não seja premeditada. Morro com segredos, assim como o meu amigo. Os membros do exército maldito voltam para suas casas, suas faculdades, suas estações de rádio e vídeo, e, em sincronia, todas as cidades do mundo voltam a dormir.

Rubens Dionísio é estudante de jornalismo e design gráfico em Curitiba.



Aquarela sobre cartão de ROGER SILVA, artista plástico em Foz do Iguaçu

sofio

UHURU



Av. Brasil, 531 sala 21 Terréo-Galeria Center Abbas
Rua. Almirante Barroso; 1694 - (Anexo Washington Tatoo)
Fone: 45-30281355
www.pixlog.net/uhuru

*A arte tem
endereço certo!*



Fone/fax: (45) 3572.1473

E-mail: casadoteatro@pop.com.br
Rua Quintino Bocaiúva, 595, Centro
Foz do Iguaçu - Paraná

h2foz.com.br

Portal de turismo e informações
de Foz do Iguaçu e da tríplice fronteira

(45) 35729741
portal@h2foz.com.br



SANTI

100% por cento iguaçuense!

*Móveis, Eletrodomésticos,
Camping e Brinquedos.*



4 LOJAS EM FOZ PARA MELHOR SERVIR

Av. Rep. Argentina, 4230
Jardim São Paulo
Fone: (45) 3525.2122

Rua Alm. Barroso, 1500
Centro
Fone: (45) 3523.7001

Av. Brasil, 370
Centro
Fone: (45) 3574.7475

Av. Mário Filho, 1265
Parque Morumbi II
Fone: (45) 3578.3233

Das estações

ISEL TALAVERA



Aí cá!... Cais ...
vai e vem desembaraçando
sempre mais haicais...

disseminam-se
letras minando pessoas
... suaves desejos ...

Sinto cinco, às
vezes sete sentimentos
com cinco silêncios...

passeando por
dezessete estações
nascem horizontes...

Ao sol...meio dia
primeiro aproximou-se
linda primavera

Na resplandecente
primavera aprimoro
lindas poesias

Mesclo-me nas quatro
estações... Nos sete crepúsculos
expostos da vida ...

Enquanto num lado
há luz. Noutro a noite vê
sonhos radiantes...

Sucessão dos dias
Meia-luz... lenta passagem...
Solar diminui

Dez embriões
Amada do Sul América
Solstício Verão !

Ver ao Sol nu, cru
ardendo o próprio amor
queimando a vida

Doze horas de raios
solares acariciam
a vida na terra

A terra caminha...
corre, sua, se acalma...
as temperaturas...

Centro atração
doando luz, calor, vida
simplesmente sol!

Motivos eu tenho:
trezentos sessenta e cinco
para mais amar-te

Renascendo ao ser
acordados pelo alento
dos raios nas nuvens

Neste céu daqui
irradiante ao horizonte
mais tempo permaneces ...

Aqueço esta pele
com o calor deste tempo
testando ternura

novas condições
nascendo após o ocaso
invento no inverno



Fotos: AMN

Eu te vejo na Praça!

Praças, largos, jardins, passeios, parques, bosques... Quem mora em Foz do Iguaçu e convive com um verão que bate os 40°, sabe a importância destes locais públicos, onde a população possa passear, conversar, participar de atividades culturais, esportivas e de lazer.

Para uma cidade turística, estes locais também podem servir como mais um ponto de visitação, um local de encontro, de contato entre pessoas.

O projeto *Praças Vivas*, desenvolvido pela Prefeitura de Foz do Iguaçu, através da Secretaria Municipal de Meio Ambiente em parceria com as associações de moradores de bairros, tem justamente o objetivo de discutir e organizar praças que estejam sendo pouco utilizadas pela comunidade, para revitalizar estes espaços.

Para o secretário de Meio Ambiente, André Aliana, “esses espaços são da própria comunidade e não da secretaria, por isso a

importância da participação dos moradores que se utilizam do local em todo o processo de revitalização, desde a discussão de como utilizá-lo até a sua manutenção”.

O bosque do Conjunto Libra, inaugurado há 20 anos, foi o primeiro a receber o *Praças Vivas*. O bosque recebeu serviços de limpeza, reforma nas calçadas, instalação de portões, bancos, lixeiras, pintura, iluminação, teve o parquinho instalado numa ilha de areia reformado e terá o reforço da patru-

ilha da Guarda Municipal para a segurança do local.

As pessoas que utilizam o espaço do bosque são moradores do bairro, que somam 964 casas e cerca de cinco mil moradores. O espaço também é utilizado por moradores de bairros adjacentes, como o Campos do Iguaçu, Jardim São Paulo, São Rafael, São Miguel e Itália, que praticam caminhadas ao ar livre, ou apenas buscam um lugar tranquilo para fugir do estresse do dia-a-dia.

O próximo local a ser revitalizado é a praça da Vila C Velha. Ao mesmo tempo em que a Secretaria de Obras estiver realizando serviços de reforma em outros espaços, todas as 42 praças do município vão receber serviços permanentes de manutenção.

O presidente da Associação de Moradores do Conjunto Libra, Amarildo Pierezan, disse que “o mais importante do projeto é envolver toda a comunidade na discussão, para saber as prioridades para o local e como desenvolver ações de educação ambiental. Os moradores vivem trancados em casa, agora, com o bosque, podem aproveitar os fins de tarde e os finais de semana para o lazer”.

Os jovens do projeto *Jovens Jardineiros*, desenvolvido pela Itaipu Binacional que atende adolescentes vindos de famílias com baixa renda também estão integrados no *Praças Vivas*. Eles estão aplicando o que aprendem no reflorestamento do bosque. Está havendo o plantio de novas mudas de árvores nativas e flores espalhadas por todo o bosque. Outra inovação é a permanência diária de um desses adolescentes, que vai atuar como

“guardião” do bosque, mantendo o espaço sempre limpo e organizado.

Onde o povo está

Que “a praça é do povo, como céu é do condor”, o poeta Castro Alves já disse no início do século passado. Mas o local que serve de lazer e quase sempre é palco para manifestações da vontade popular, também pode e deve servir para manifestações artísticas e culturais.

Este é o pensamento da diretora da *Casa do Teatro*, Arinha Rocha, uma das instituições parceiras do projeto, que desenvolve atividades de arte, cultura e recreação nestes espaços.

A instituição tem experiência em projetos dessa área. Em 2002, como parceira do Movimento Cuca Legal (embrião da Associação Guatá - Cultura em Movimento), participou do projeto *Praça em Movimento*, que ocupou a Praça das Nações (em frente ao Colégio Estadual Bartolomeu Mitre).

Toda semana, integrantes do movimento artístico e cultural da cidade transformavam a “Praça do Mitre”, como é conhecida pela popu-

Prêmio

Além de promover a revitalização e valorização de praças e bosques da cidade, o Projeto *Praças Vivas* também irá premiar a comunidade que mais se destacar em ações praticadas nesses locais. Ou seja, a população que mais fizer uso correto das praças, bosques e jardins instalados nos bairros onde vive será premiada com recursos financeiros, que deverão



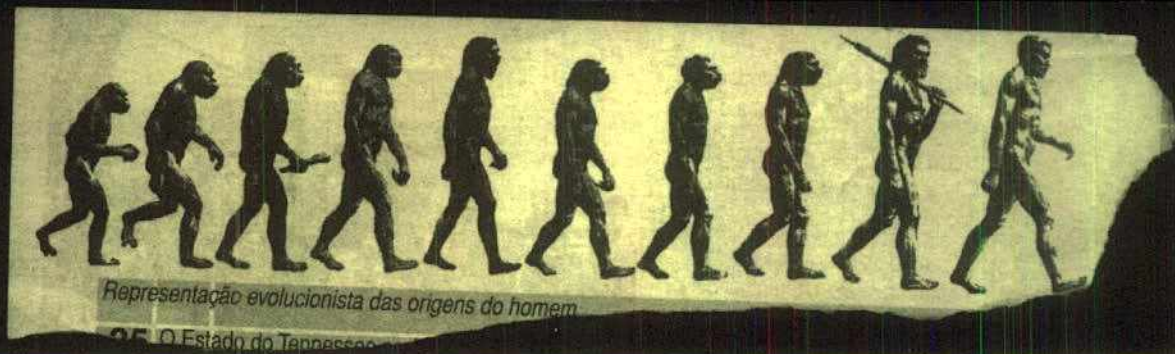
Arinha Rocha: “a arte deve estar na praça, lugar genuinamente do povo”

lação, em um grande palco a céu aberto, destacando apresentações de música, teatro, literatura, artes plásticas, visuais e artes circenses, além de provocar discussões sobre cidadania e participação popular.

“Mais importante do que a recuperação dos espaços é a recuperação da participação da comunidade. A cidade não se resume aos espaços, mas a ocupação deles. Além disso, é um forte incentivo para a cultura, pois a arte deve estar onde o povo está, e nada melhor que o espaço da praça pra que isso aconteça”, disse Arinha Rocha.

ser empregados na melhoria dos próprios espaços.

A proposta é que a cada 15 dias aconteça o concurso com uma premiação de R\$ 10 mil, R\$ 5 mil e R\$ 3 mil, respectivamente, para os três primeiros colocados que mais inovarem. A comissão julgadora será composta por engenheiros e técnicos das secretarias municipais de Obras, Meio Ambiente, Planejamento e Educação.



Déjà vu na fronteira

foz do iguaçu
nãvnhj of zof

ALEXANDRE
PALMAR

Mesmo uma cidade de porte médio como Foz do Iguaçu reserva, para pelo menos um dos seus moradores, a impressão de o mundo ser bem menor do que ele aparenta ser. Às vezes, esta sensação desperta quando a província concede ao nativo um curioso apreço por outros nativos, semelhantes apenas pelo fato de habitarem a mesma comarca, mas completamente anônimos entre si.

É uma espécie de ligação entre seres que nada têm a ver em seus distintos cotidianos. É algo estranho, que poderia ser de fácil explicação se essa percepção aflorasse em pessoas com perfis ou hábitos semelhantes. Quem sabe moradores de um mesmo bairro, usuários de uma mesma linha de ônibus, de um mesmo banco, da padaria ou até de um elevador de condomínio.

O *déjà vu* (seria isso?) também poderia ser explicado por alguma religião, filosofia ou quem sabe por uma seita, cujos dogmas valorizam os antepassados, os espíritos, as almas gêmeas (e penadas), a reencarnação ou coisas afins. Mas não. Ele é misteriosamente comum, atingindo em cheio esse mortal sem perguntar sua raça, sexo ou clero.

É justamente a intromissão desse fenômeno que incomoda e tira noites de sono de uma mente cética. Seria fácil aceitá-la, caso o afeto recaísse sobre personagens “públicos” de Foz — como aquele *cowboy* sempre vestido com uma indumentária preta — ou sobre o garoto que insiste em avisar que Jesus está retornando.

Uma coisa é certa neste universo de incertezas. Bastava acatar ao impulso e dizer àquele desconhecido um simples “oi”. Mas é certo também que, ao tentar atender ao ímpeto, a mente vai refugar, porque ela tem a consciência da falta de um motivo palpável para a aproximação. Isso já ocorreu. E quando aconteceu restou ao homem a angústia de perder mais uma noite de sono tentando saber se outro iguaçuense teria vontade de compartilhar essa descrença.

Alexandre Palmar é jornalista em Foz do Iguaçu.

foz do iguaçu

14 escrita

nãvnhj of zof

SOLUÇÕES
CRIATIVAS,
COMUNICAÇÃO
COM
RESULTADOS.

ES
IVAS,
UNICAÇÃO
COM
RESULTADOS.

[biônica]
PROPAGANDA

www.bionicapropaganda.com.br
atendimento@bionicapropaganda.com.br 45 3028-2295



Livraria Universitária

*Há 17 anos semeando
cultura.*



SEBO FÓZ

COMPRA, VENDA E TROCA DE LIVROS USADOS

 **(45) 3523.2393**

Travessa Cristiano Weirich, 91 - Ed. Metrópole - Térreo - Sala 71
Centro - Foz do Iguaçu - Paraná

PARIS



VIDEO

DVD e VHS

Telefone: (45) 3572.4418

Rua Rui Barbosa, 1032 - Loja 9 - Externa
Shopping Mercosul
Centro - Foz do Iguaçu - Pr.



- ♦ 50.000 títulos disponíveis
- ♦ Livros raros e importados
- ♦ Livros didáticos e universitários
- ♦ Aceitamos encomendas
- ♦ Condições para estudantes e universitários na entrada escolar
- ♦ Condições para professores

Centro

Rua Almirante Barroso, 1473
85851-010 - Foz do Iguaçu - PR
Fone/Fax (45) 3523-4606
livros@livrariakunda.com.br

O valor da existência humana não se estriba apenas na vida, mas também no sentido da própria vida. (Dostoiévski)

Despedida

PAULO BOGLER

Marta apenas sorri, tentando distrair os olhos encharcados com lágrimas que não são de dor. Na boca, amargume, do trago que não experimentou. Nunca provou. Nem no tempo em que era levada por Jorge, Gilda e Toni, a desbastar mansamente o entardecer, programando-se, para logo depois, se atirarem nas sessões de Hair e submarino, a *stanheguer*, aumentando a pendura no bar do Ivo. Em seguida, partiam a bolear frases

desastrosas contra o cimento das paredes, na banda pioneira do centro da cidade.

Os libertários, como os amantes e os bêbados, preferem o refúgio notívago que acolhe e protege contra o questionamento réplico da razão. A noite também disfarça a descendência parenética de filhos bem nascidos, que um dia irão administrar as sobras fiduciárias da família.

A Marta, porém, mantinha-se longe dos excessos. Participava apenas da vigília, denunciando a chegada da rádio patrulha do cabo Mór. O magrelo e esperto Jorge, pôde-se entender mais tarde, era sua única empolgação, motivo singular que a fazia aturar a turma em seus devaneios de rebeldia e estroinice.

As cartas nunca mentem, gabarolava a vidente, enquanto espalhava o surrado carteadado sobre a mesinha improvisada, protegida pelos entulhos enviesados sobre a calçada da São Félix.

- Os fiscais e os policiais corruptos não deixam ninguém trabalhar em paz, emendou, ris-

cando no tablado o unhado mal cuidado, que destoava do olhar fulgurante, cravado no rosto tingido de rasa maquiagem.

Nossos mortos não se foram. Num mudo silêncio, passeiam despercebidos por lugares que já foram seus, onde deixaram marcas de uma existência breve, exígua, se comparada com a infinitude do mundo que agora habitam.

Nem tudo foi terminado, resolvido. Sempre fica alguma coisa para depois. Pensam os tolos ser reminiscências, só. Mas, não. Estão todos aqui, agora, insistindo em concluir o que ficou para trás: a palavra interrompida, a carta não respondida, o amor desavisado, o adeus, a despedida. O roçar de pernas às seis!

Pareciam ser de Jorge as palavras da adivinha pensou Marta. A normalidade em lidar com o sinistro o fazia viver. Sempre irrompia sobre a imortalidade da alma e a insignificância da morte. "Morirse tiene que ser el hecho más nulo que puede sucederle a um hombre", costumava repetir Borges, pelas palavras de Macedonio Fernández,

e acabava a conversa ao imitar o acordeão, a sarjar o silêncio, como nos versos.

A vidente entrega-lhe o troco. Filante de um cigarro do rapaz que passa ao lado, despede-se, camuflando-se na multidão sem olhar para trás, como se partisse em fuga.

Marta examina ao seu redor, procurando por algum agente da lei, a afugentar aquela mulher. Enxuga os olhos e segue. Ri, mais uma vez, sentindo a incredulidade ceder à intromissão mágica de alguém que jamais verá de novo, mas que ensinou a deserção de um tempo escape e circunscrito.

- A liberdade, filha, não pode ser o fardo do homem e da mulher livres. Não é lugar, é estado de espírito. Não pode ser medida, já que não pode ser explicada e nem mesmo entendida. Não é viver, a liberdade?

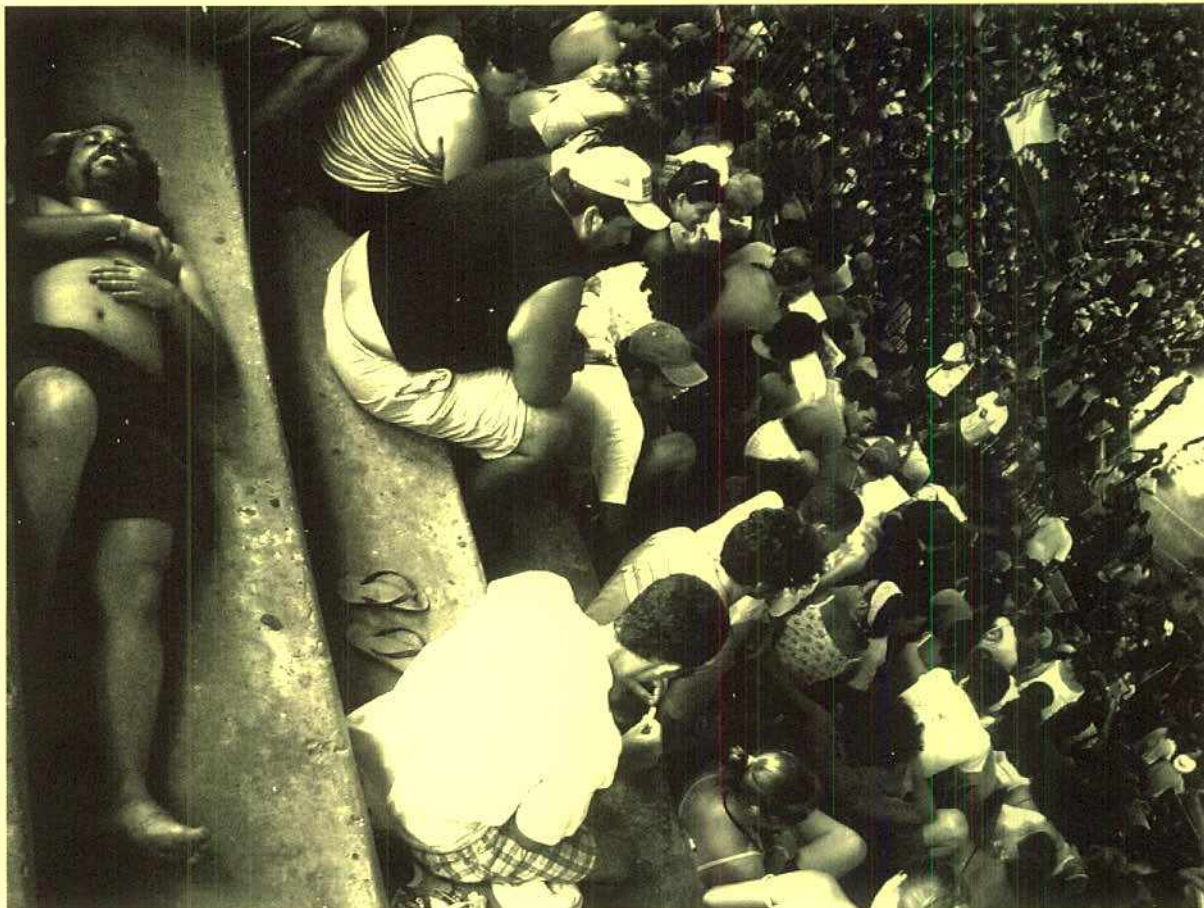
A tardinha vai caindo, fria e ligeira. A vidente já não mais existe. Nem Jorge. Nem Marta. ☀



Paulo Bogler é agente cultural em Foz do Iguaçu

16 escrita

soupo



"FSM - 2005", fotografia de SIMON LOUIS DUCROQUET, ilustrador e design gráfico em Curitiba.

Por terra e liberdade

No dia 07 de fevereiro de 1756, uma aliança entre espanhóis e portugueses, derrotaram um destacamento dos Guarani, na zona missioneira de Macacaí, hoje estado do Rio Grande do Sul. O governador José Joaquim Viana, com um tiro de pistola, mata Sepé Tiarajú, símbolo da Guerra Guaranítica, em defesa da terra e contra a escravização dos Povos das Missões.

As reduções jesuíticas surgiram durante o século XVII, no território onde mais tarde, tornou-se estado brasileiro do Rio Grande do Sul, foram destruídas por bandeirantes, reconstruídas mais uma vez, e, atingiram, no ano de 1750, o ápice de sua organização. Reunidos nas terras que a Espanha reivindicava como a sua expansão nas Américas, milhares de índios habitavam as aldeias formadas por padres jesuítas da Companhia de Jesus, que pretendiam “reconduzir” os aborígenes à fé cristã e à vivência em sociedade, inspirada nos valores do homem branco. As reduções formaram trinta e três cidades missioneiras, cada uma com uma população entre sete e dez mil habitantes, divididas nos territórios do Brasil, Argentina e Paraguai, ao que se chamou de “República dos Guarani”.

Diferentes pesquisadores compartilham a opinião de que os índios missioneiros viviam num regime cooperativo, cultivavam a terra plantando de erva-mate, milho, man-

dioca e algodão, criavam animais, produziam confecções em couro, utilizavam-se da arquitetura e da metalurgia, dividindo o tempo de trabalho entre a produção individual e coletiva, o que garantia o sustento de toda a comunidade. Vigorava entre eles, um sistema de troca de objetos e serviços, não havendo moeda. Já à época, desenvolveram um sistema de assistência designado “*coti-guaçu*”, que sustentava mulheres e crianças órfãs.

Em que pese todo o processo de ocidentalização da população indígena e a conseqüente conquista dos territórios sul-americanos aos europeus, os Povos das Missões alcançaram elevada organização do processo do trabalho, na educação, nas artes e na cultura.

“Esta terra tem dono”

No ano de 1750, os reis de Espanha e Portugal assinaram o chamado

O símbolo Sepé

Nascido José Tiarajú, provavelmente em 1723, na Redução de São Luiz Gonzaga, tornou-se Sepé Tiarajú. Era índio guarani, um dos primeiros povos a habitar o Rio Grande do Sul, muito tempo antes de chegarem os primeiros europeus. Órfão ainda criança, foi atingido pela peste escarlatina, a mesma doença que vitimou seus pais. Em decorrência da doença, Sepé obteve uma cicatriz na testa e um leve afundamento craniano em que, conforme sua posição, os raios solares promoviam certa luminosidade. Por esse fato, tornou-se Tiaraju, ou, "facho de luz".

Sepé Tiaraju era um grande guerreiro, forte e rápido, sempre destacando-se nos jogos indígenas. Foi escolhido Corregedor da Redução de São Miguel, em 1750, data da assinatura do Tratado de Madri. Ao lado do Corregedor da Redução de Santa Maria, Nicolau Nenguiru, Sepé comandou a luta contra a expulsão e o saque de seu povo, durante a Guerra Guaranítica.

Após sua morte, prosperaram muitas lendas entre os índios. Uma delas, diz que Sepé lutava com um ser sobrenatural quando foi atingido, pelas costas, por um dragão português. Três dias depois de sua morte, nas colinas de Caiboaté, foram massacrados mil e quinhentos índios, que se jogavam contra a artilharia inimiga, gritando o nome de Sepé. Poucos sobreviventes juravam tê-lo visto entre a nuvem de pólvora, montado em seu cavalo, com uma lança de fogo nas mãos.

Como personagem individual desta epopéica resistência, Sepé Tiaraju é o substrato da luta histórica contra a opressão e por um projeto de sociedade igualitária. A cada momento da história, o legado de Sepé e de seu povo renasce como advertência à intolerância e à injustiça.

Tratado de Madri, que conferia aos espanhóis a posse da Colônia de Sacramento, que até então constituía-se numa fortaleza de Portugal no estuário do Prata, estrategicamente instalada frontalmente à cidade de Buenos Aires. Em troca, o império lusitano tomaria a posse da região onde estavam instalados os Sete Povos das Missões.

Através desse acordo, quase cinquenta mil índios guaranis destas cidades, deveriam passar para o outro lado do rio Uruguai, podendo seguir adiante apenas com alguns pertences. Aos colonialistas e ao reinado das duas potências da época, os guaranis deveriam deixar suas terras férteis, depois de longo período de preparo, suas valiosas lavouras de erva-mate e algodão, além de casas, igrejas e grande rebanho bovino.

Os padres, com raras exceções, acataram as ordens vindas de seus países de origens, restando aos povos das Missões, organizar a resistência, mesmo podendo contar apenas com meios rudimentares de luta e dispondo de poucos guerreiros.

Assim surge a figura do legendário e valente guerreiro, Sepé Tiarajú. Invocando pelo respeito ao seu povo, sua terra e à liberdade, Sepé bradou a frase "Esta terra tem dono", marchando com mil e quinhentos índios contra o invasor. Percebendo a diferença entre as forças, Sepé apelou para a guerra de guerrilha, comandando pequenos contingentes que surpreendiam os invasores.

A bravura e a determinação do homem que ousou enfrentar com arco-e-flecha o poderoso exército luso-espanhol não perdurou.

No dia 07 de fevereiro de 1756, Sepé foi morto com um golpe de lança, desferido por um soldado português e, sem poder responder, recebeu o tiro derradeiro do governador de Montevideú, que servia à coroa da Espanha.

Logo depois, mil e quinhentos índios foram cruelmente massacrados, finalizando a Guerra Guaranítica, que durou entre 1753 e 1756. Sem o seu maior líder, e já contabilizando muitas baixas em combate, e pelas precárias condições de subsistência a que foram confinados, os guaranis ainda resistiram até o ano de 1767, valendo-se das táticas guerrilheiras, aprendidas com Tiarajú.

Perdida a guerra, indígenas e padres se refugiaram no lado paraguaio. Percebendo que a presença dos jesuítas prejudicava o controle, o rei de Espanha os expulsou da região platina, em 1768. *

“Mas vocês, quando chegar o tempo em que homem seja amigo do homem, pensem em nós com um pouco de compreensão”. (Brecht)

Apelo à diferença

PAULO BOGLER

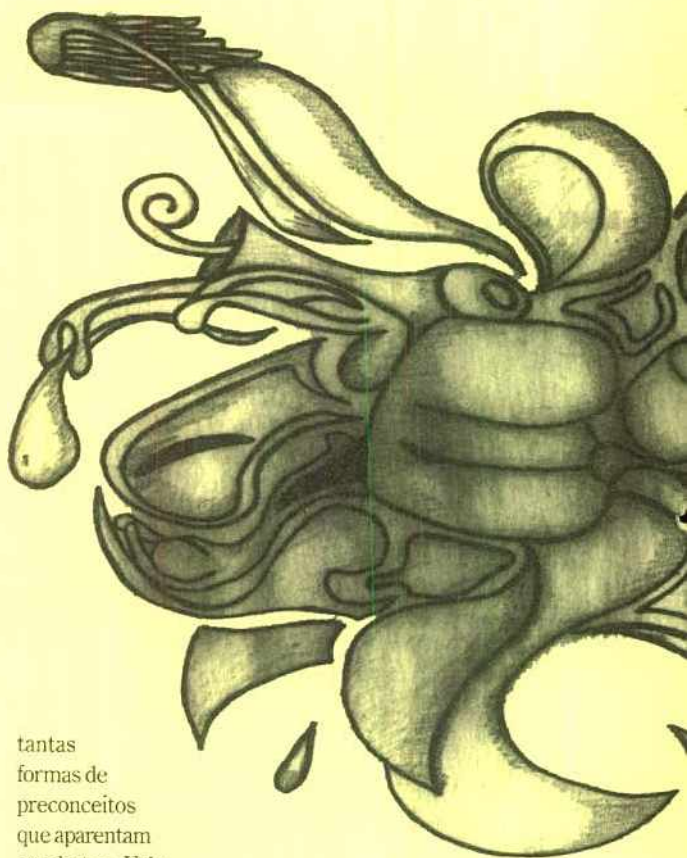
Ao avaliar o século que se encerrou, o historiador Eric Hobsbawm observou que o outro é um estranho. Mesmo com todos os meios de comunicação disponíveis para aproximar os homens, refletiu ele no livro *A Era dos Extremos*, nunca fomos tão impessoais.

O século deixado para trás promoveu grandes avanços técnicos, científicos e tecnológicos que possibilitaram ao homem desbravar o sistema solar, manipular a genética, construir um espetacular sistema de comunicação e informação e outras tantas conquistas. Não obstante, os progressos aconteceram consoados com a lógica da acumulação do capital, monopolista e, tanto mais excludente. Foi um tempo catastrófico, se contabilizado o número de vidas perdidas em guerras e variados morticínios, pela privação dos direitos individuais e humanos, que haviam sido obtidos no período anterior. Sem dúvida, a grande tragédia do “breve século vinte” se deu pelas modificações nas relações humanas, que sufocaram aspirações universalistas da humanidade, em favor da competitividade e do individualismo. Aproximado pela tecnologia, distante da esperança coletivista capaz de construir um mundo igualitário e fraterno. É a herança do sujeito histórico que descortina o terceiro milênio.

A dessemelhança, que deveria representar a complexidade e a pluralidade da espécie humana, ocupante de um espaço natural e geográfico igualmente diversificado, foi adquirindo feição de hierarquia, sendo seguida pelo despotar de povos, grupos e países, que passaram a reivindicar a condição de modelo de civilização. Claro, amparados em suas dianteiras econômicas, militares e científicas, como predestinados quanto aos desígnios terrenos.

A alteridade, isto é, a capacidade de colocar o outro no lugar do ser, aceitando e convivendo com a cultura antagônica, permanece dilemática na modernidade. No decurso da história, o fato de negar, não entender ou não aceitar os fatores simbólicos constitutivos de outro ser humano, tem servido a interesses de dominação política, econômica ou ideológica.

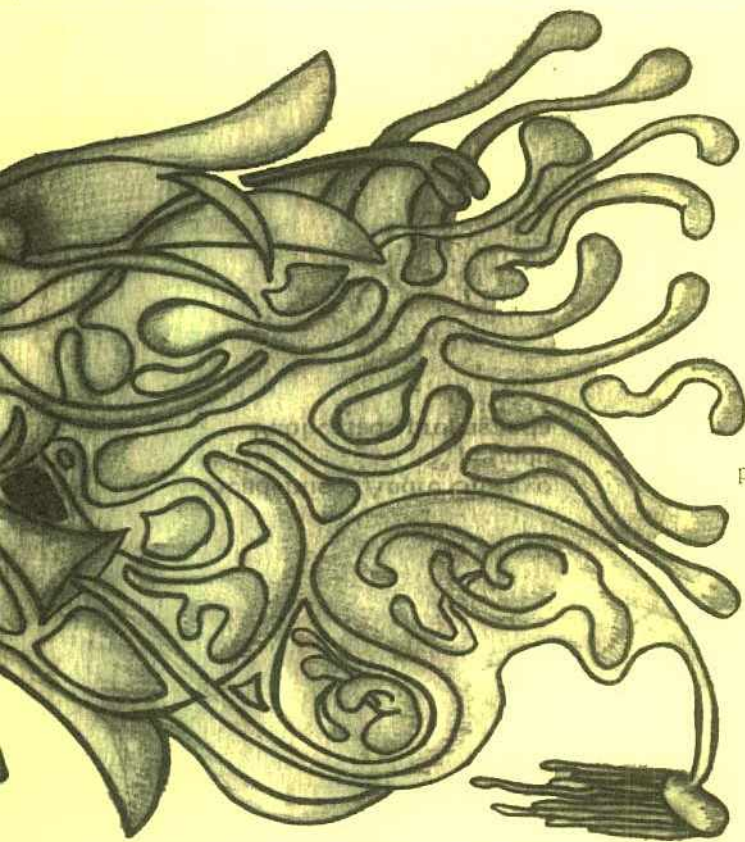
O multiculturalismo, é importante que se diga, estratificado em algumas camadas sociais dos Estados Unidos, por exemplo, afirma-se de maneira fragmentada, negando os conceitos de nação, estado e, mesmo, de diferença entre as classes. Agindo assim, opõe-se aos diferentes modelos de discriminação, recorrendo às teses multiculturais que engendraram os tipos de etnicismo, racismo, xenofobia, sexismo e outras



tantas formas de preconceitos que aparentam combater. Vale reparar que esta prática não contempla, em nenhuma de suas variantes, a necessidade de superação das desigualdades entre as classes sociais, fator reagente para o surgimento de múltiplas formas de intolerância e desigualdade. Significa dizer que a intransigência e determinados relativismos culturais, em grande medida, são despertados pela forma de produção e distribuição das riquezas e da renda entre os indivíduos.

Com a reestruturação econômica, através da chamada globalização e pela nova engenharia geopolítica internacional, tendo como ponto alto a queda do Muro de Berlim, reacendeu-se o sentido de competição entre os povos e





local e de nação. No plano ideológico, floresceram as teses-guia da nova hora, como a de “fim da história”, defendida por Fukuyama; e de “choque de civilizações”, de Samuel Huntington. As duas hipóteses, no arcabouço da provável pós-modernidade, caíram em desuso após alguma influência exercida sobre setores conservadores, especialmente nos círculos políticos e acadêmicos dos EUA.

Em outra dimensão, os padrões de consumo impostos ao conjunto social, promoveram o “canibalismo consu-mista”, na caracterização da ativista afro-americana Bell Hooks. Conforme a feminista, a comercialização e a ampliação da produção cultural dirigida a um público cada vez maior e mais abrangente, direciona a criatividade pelo caminho da uniformização, suprimindo a autenticidade e a diversidade da obra. Desta forma, o bem

nações, na busca por maior participação no mercado global e pela garantia de territórios. Até então, o cenário de polarização ideológica, com dois campos de poder prevaletentes, rivalizando entre si, é verdade, assegurava a coexistência e a observância mínima às normas de convivência no âmbito do direito internacional, evitando o colapso anunciado.

Neste contexto, foi revalidada a importância da dimensão cultural na história humana, promovendo, no plano interno dos países, outros métodos de exclusão e a forjadura de novos protagonistas do processo histórico, projetando identidades enfraquecidas em suas referências de

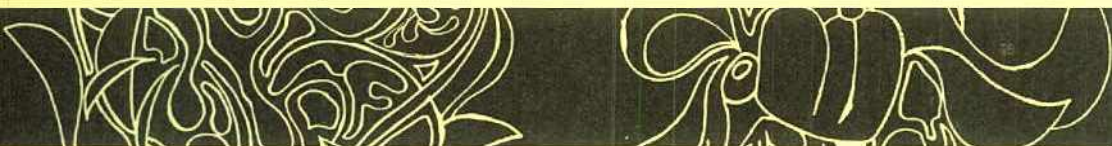
cultural, por mais transgressor, alternativo ou marginal que seja, é assimilado pela lógica do mercado, tendo sua estética e seu discurso replicantes transformados em fator promocional e, portanto, naturalizados, incorporados e, porque não, domesticados para o consumo.

Contrariamente às predições de paradigma civilizacional, histórico ou ideológico, a aventura humana, ao longo dos tempos, produziu e acumulou insomável riqueza cultural, expressa através de bens e produtos artísticos, de valores materiais e simbólicos e de experiências societárias e de vizinhança, sujeitas ao intercâmbio e inovação de hábitos, costumes e modos de viver. Toda essa diversidade, constitui-

se em patrimônio necessário de reconhecimento e de partilha entre todos os indivíduos. A base, pois, da tolerância e da harmonia entre as pessoas é formada pela tomada de contato, conhecimento e de reconhecimento de tudo aquilo que conseguimos enxergar através de nossa imagem invertida no espelho. Os homens e mulheres, assim como os grupos sociais, como predisse o sociólogo português Boaventura de Souza Santos, têm o “direito a serem iguais quando a diferença os inferioriza, e o direito a serem diferentes quando a igualdade os descaracteriza”.

As leis de mercados interferem diretamente neste pluralismo. O sistema capitalista organizou uma poderosa e rentável indústria de comunicação, entretenimento e de cultura de massas, tendo como principais beneficiários as empresas e governos que ocupam o centro de poder mundial. Segundo informações do governo francês, para esclarecer, 85% dos ingressos de cinema do mundo todo, vão para filmes norte-americano. Neste caso, além de gerar lucros, a indústria cultural desse país inunda o planeta com sua concepção de mundo, sua ideologia e seu modo de vida, sem nenhuma contrapartida ou incentivo às experiências produzidas fora do circuito comercial.

De acordo com recente estudo do Instituto de Estatística da UNESCO, órgão da Organização das Nações Unidas (ONU), os Estados Unidos, Reino Unido e China, produziram 40% dos bens culturais comercializados no mundo, no ano de 2002, contra a pífia fatia de 4%, acumulados pela América Latina e a África. Da lista de produtos analisados, constam livros, CD's, jogos eletrônicos, escultura, entre outros, de cento e vinte países. Pela projeção desse estudo, a indústria cultural e artística é responsável pela geração de 1,3 bilhões de dólares, demonstrando a importância do setor, no desenvolvimento econômico, social e humano.



Contrastando com esses dados, a UNESCO vem alertando o fato de que mais da metade das 6.000 línguas do mundo, correm perigo de desaparecer. Além disso, 96% destas 6.000 línguas, são faladas por apenas 4% da população mundial. Entre as línguas africanas, 80% não dispõem de transcrição escrita. As línguas, como se sabe, não oferecem apenas sistemas para seus falantes, mais que isso, são expressões de identidade e da cultura de diferentes agrupamentos de pessoas. Entretanto, a maior parte delas, está circunscrita à loquacidade de pequenos grupos, não interferindo no sistema de comunicação mundial, menos ainda, agregam qualquer valor material, não despertando o interesse de preservação por parte dos setores que vêem a cultura apenas como bom negócio.

O livre comércio entre os desiguais agrava sobremaneira a circulação de bens e serviços culturais. Estabelece aos países da periferia do capitalismo a condição de consumidores-expectadores, com poucas condições de interferência nessa dinâmica. O que se confirma é uma tendência de homogeneização e universalização cultural, a partir de demandas ordenadas pela modernização neoliberal, vetorizadas pelo lucro. De forma contraditória, os indicadores mostram o aumento da pobreza, da miséria e da exclusão de grandes contingentes humanos, que acabam desprovidos de qualquer satisfação material e cultural.

No final do ano passado, a 33ª Assembléia Geral da UNESCO, aprovou a Convenção sobre a Proteção da Diversidade dos Conteúdos Culturais e Expressões Artísticas, reconhecendo a necessidade dos bens e serviços culturais como instrumentos para o progresso econômico e social, principalmente dos países em desenvolvimento, para o diálogo intercultural e indicando os Estados como responsáveis para garantir aos seus cidadãos,

o acesso à rica diversidade cultural do planeta e pela proteção e promoção das criações nacionais. O texto foi aprovado com rígida oposição dos Estados Unidos (tendo Israel como aliado), que recorreram ao tema da propriedade intelectual, alegando a necessidade de manter o livre comércio e a liberdade de circulação de idéias.

O texto final foi aprovado por 148 votos a favor, dois contra e quatro abstenções, tornando-se um importante instrumento jurídico internacional, que considera a diversidade cultural "patrimônio comum da humanidade" e onde as nações signatárias "afirmam o seu direito soberano a adotar medidas de proteger e promover a diversidade das expressões culturais em seus respectivos territórios e reconhecem a obrigação de protegê-la e promovê-la tanto em seus territórios como no plano mundial". O estatuto destaca a importância dos indivíduos em reconhecer o aspecto pluralista de cada identidade, mas em constante relação com sociedades também diversas e plurais.

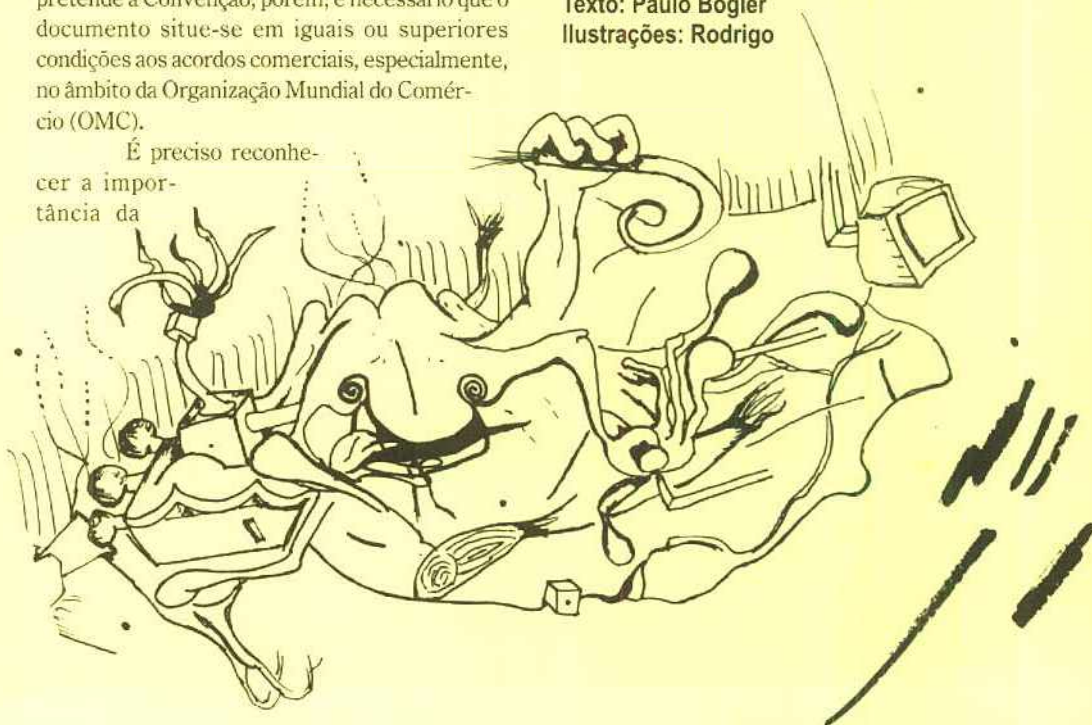
Para que a diferenciação entre bens culturais e mercadorias tenha efeito prático, como pretende a Convenção, porém, é necessário que o documento situe-se em iguais ou superiores condições aos acordos comerciais, especialmente, no âmbito da Organização Mundial do Comércio (OMC).

É preciso reconhecer a importância da

iniciativa. Mas sua efetividade se dará pela intervenção dos múltiplos agentes sociais, com maior exigência daqueles que atuam na área cultural, no sentido de aplicar sobre a realidade objetiva, os preceitos contidos na Convenção, inclusive, cobrando sua aplicação por parte dos respectivos governos. Trata-se de uma atitude perante a vida e as pessoas, onde as diferenças possam indicar o caminho do que é comum e necessário para vida em sociedade, como os representantes de movimentos sociais de várias regiões do planeta, que, reunidos em Mali, na África, firmaram o "Apelo de Bamako", onde apresentam uma agenda em favor do desenvolvimento justo e harmônico dos povos e nações. Apontam, também, para a emergência de um novo sujeito histórico – popular, plural e multipolar – capaz de resgatar o princípio do direito à vida para todos, as grandes orientações de um viver conjunto na paz, na justiça e na diversidade.

É por este caminho que a humanidade deve seguir, perseguindo a utopia de um mundo novo, justo, tolerante e diferente. ☀

Texto: Paulo Bogler
Ilustrações: Rodrigo





Viagens, Turismo & Eventos



www.cisturis.com.br

Tel./Fax (45) 3523.2188

Plantão: 99754378

Av. Brasil, 152 - Centro

Foz do Iguaçu - Paraná - Brasil

cisturis@fnn.net

Sigilú's

contabilidade e assessoria Ltda.



**Seriedade
e competência**
no assessoramento
de sua empresa.

Fone/Fax: (45) 3523.5886 / 3523.4751

Rua Rui Barbosa, 361, Centro
e-mail: sigilus@foznet.com.br
Foz do Iguaçu - Paraná

Impressos urgentes?



GRÁFICA RÁPIDA IGUAÇU

Impressões em pequenas e grandes quantidades

***Impressões Laser Color**
Até tamanho A3(42,0cmx29,7cm)

Rua Marechal Floriano Peixoto, 1326
Esq. com Quintino Bocaiúva
Centro - Foz do Iguaçu - Paraná

- *Cartão de visita
- *Calendários
- *Malas direta
- *Cardápios
- *Folhetos
- *Adesivos
- *Transfers
- *Certificados

*Ímãs de geladeira

*Relógios Personalizados

Tel.: (45) 3572-9174

em tempo

vem a chuva e lava
vem o vento e seca
vem o tempo e passa...

CARLOS LUZ

pequenos poemas temporais

matinais

manhãs neblinosas
excitam cores e formas
com carinhos úmidos...

ser teu último sonho
pra você acordar
comigo entre os dentes...

a hora mais doce
teu hálito matinal
de mamão melado...

sonhar sem dormir
brincando de primavera
acordar amores..

na manhã amena
numa rosa quase branca
um aroma leve....

vespertinos

amor não tem hora
pode ser depois
se bem que prefiro agora...

pena que te vi
só à tardinha...sou luz
me esperam na china...

breve e quente beijo
passou como um veranico
numa tarde d'inverno

o amor como o mar
se bravio engole a gente
se calmo é indiferente...

estou a quarenta graus
em estado delirante
febre de você...

noturnos

na íris noturna
relâmpagos te incendeiam
manhãs instantâneas...

em teus calmos olhos
nunca é noite, pois o sol
faz seu ninho neles...

na boca da noite
um céu com línguas de fogo
beijo incandescente...

sussurrar pros teus olhos:
meus dias crescem neles
neles se acabam minhas noites...

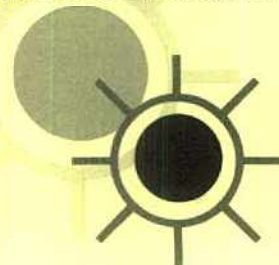
os grandes amores
são fantasias marmóreas
jamais apodrecem...



carlos luz é poeta em Foz do Iguaçu



Fotografia
de HELENA MESTRES,
estudante em Barcelona.





O PARTO DO LER

fabiula wurmeister

Nestes meus longos dias de devoção quase compulsiva à leitura, percebo as influências que cercam cada um destes escritores, sejam eles aqueles já consagrados, ou aqueles que o fazem sem pretensão alguma. Assim, aos poucos vou conhecendo o íntimo de cada um deles, suas revoltas, orgulhos, cinismos e vergonhas. Vejo ainda as dores sutilmente gemidas em preto e branco. O vermelho aqui fica reservado às ilustrações da capa e aos olhos daqueles que se vêem diante do espelho das páginas. Por que insistimos tanto nessa catarse psicanalítica torturante, quando basta fecharmos este livro e depositá-lo junto aos poeirentos volumes na estante?

Lá, naquelas fileiras e pilhas desordenadamente organizadas, estão histórias mal folheadas, umas completamente devoradas e outras que num primeiro momento nos seduzem e em pouco tempo preferimos abandoná-las. A princípio essa recusa é feita sem nenhum remorso, como nas vinganças. Mas como num caso de amor que nunca se aquieta, a sedução materializada em folhas de papel impressas volta a nos lançar olhares tentadores, justo quando mais queremos ser observados e também devorados como histórias deliciosas e desejosas.

Lembro-me que estas primeiras histórias ou as mais marcantes delas – e o conseqüente vício pelo cheiro que elas impregnam no papel em perfeita química com a tinta da impressão – vieram daquelas páginas de jornal de anteontem que enrolavam a carne e as voltas de lingüiça compradas no já familiar açougue da pequena cidade do mais novo velho oeste de céu azul, brilhante e quase sem nuvens. Dali, tomaram vida e como fantasmas me seguem até hoje, religiosamente, todas as noites antes de dormir.

Agora, além da dependência quase solitária, penso em formar uma comunidade alimentada pelo mesmo cheiro de mofo e tinta fresca. Pela mesma letargia, pela mesma sensação entorpecente. Pela mesma euforia. Pela mesma depressão. Pela mesma vontade de sempre ter mais, mais e mais, que, se somados, não inteiram um. A memória e a absorção já não são as mesmas, não suportam levar a carga sozinhas, precisam de um ventre que se ocupe disso. Tenho a semente, quero o solo, quero quem o regue, pode-lhe os galhos e colha os frutos. Quero um filho. E só o terei depois de alcançar a combinação perfeita entre os infinitos aromas ainda guardados dentro daqueles volumes que vejo vagando sob lençóis e que ainda não nasceram. ☀

soujo



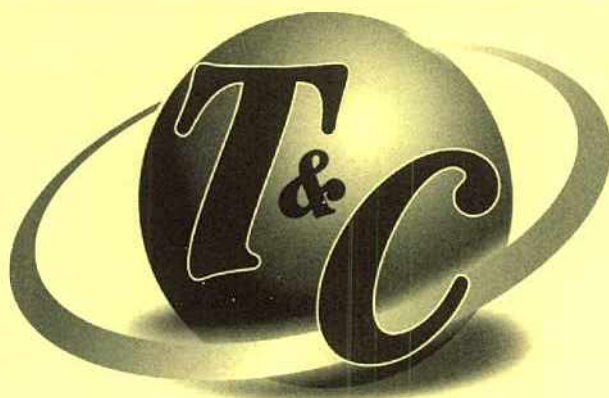
Fotografia (original colorido) de ÁUREA CUNHA,
repórter fotográfico em Foz do Iguaçu.

28escrita



Toner & Cia.

CARTUCHOS



**ORIGINAIS, REMANUFATURADOS
E RECARGAS**

DISQUE ENTREGA:

FONE: 3025-4840

tonerecia@yahoo.com.br

Rua Marechal Floriano Peixoto, 1320 - sala 3
Centro - Foz do Iguaçu - Paraná

Livraria Sebo Amadeus

*Venda e troca de livros,
gibis, revistas e Lps.*



Assinaturas de revistas:

Veja, Época, Isto É,
Exame, Galileu, P.E.G.N.,
Planeta, Educação, Terra,
História Viva, Speakup,
Viver Mente & Cérebro,
Scientific American.

Feiras de livros:

- Terças e quartas:
Super Muffato da JK
- Quintas e sextas:
Super Muffato da Rep. Argentina

Fone: (45) 3574.4988
Cel: (45) 9103.7608
9122.2645

LOJA CENTRAL:

Edifício Favassa, Sala 202
R. Quintino Bocaiúva, 610
Centro - Foz do Iguaçu - PR.

Palavras na rua

P E S S O A S

MÔNICA VENSON



O sol ainda estava alto e o calor consumia o asfalto. Marcel saiu da agência louco para chegar em casa. Já passavam das sete horas da tarde e o cansaço e uma dor de cabeça terrível atormentavam-lhe.

As cobranças eram cada vez maiores, os negócios não iam bem.

No caminho de casa Marcel passou pelo calçadão, a olhar as pessoas apressadas, motoristas impacientes, mendigos e crianças. Exausto, sentou-se para ver dois senhores, já de certa idade, conversando. Marcel imaginou o que seria de sua vida. Já teria filhos, netos, ou estaria ainda no mesmo emprego, fazendo as mesmas coisas. Estas indagações o perturbaram tanto que se espantou ao ver um pequeno livro à sua direita.

O livrinho verde tinha a capa lisa, sem qualquer inscrição. Marcel abriu e leu.

À minha Marie,

*Numa esquina de pedra me perdi,

Por onde andava, não sabia!

Não via, nem sentia...

Por muito tempo esqueci-me de ti

Um esquecimento sem fim.

Uma dor sem sofrimento me tomou por inteiro

Meu corpo, sem saber andou imóvel,

Pelos muros de concreto.

A queda veio,

Nem percebi!

O dia, a semana, o mês tomaram conta de mim.

À sombra do sol, a vida trouxe amores inúteis,
sem carinho, sem amizade.

Por tudo fúteis.

Numa noite escura me rendi...

E, ao te conhecer, a venda de meus olhos caiu

Assim te vi inteira, vida minha

Revelando o amor à humanidade

Daquele que se sente quando mais nada se tem,

Quando mais nada se precisa

O amor que se sente quando o tudo e o
nada se encontram na mesma esquina."

Ao ler aquelas palavras Marcel percebeu a insensatez de sua vida. Os dias, os anos tinham sido repetições ignóbeis de uma realidade comandada pela segurança. Os sonhos, os desejos se desmancharam em nome da razão. O amor e a vida foram deixados de lado.

Na manhã seguinte delirou ao imaginar como seria tal mulher capaz de provocar em um homem uma paixão tão clara. O amor, para Marcel, era palpável, a vida era algo de que se pudesse tirar proveito.

Em seus devaneios, Marcel conseguia visualizar esta mulher com uma presença tão forte quanto sua própria vida. Mas não conseguia imaginá-la fisicamente. Todos os seus pensamentos provocavam uma mistura de sensações.

Já era domingo e Marcel se dividia em mil, imaginando quem tinha escrito palavras tão belas. Seriam pessoas comuns, com vidas iguais a dele, trabalho,

casa, problemas com o encanamento, a fiação elétrica, a camada de ozônio, testes nucleares na França, escola dos filhos, o regime que nunca dá certo e todas as preocupações que costumam atingir os mortais?

A pequena mudança que este turbilhão de emoções operou em Marcel não se fez notar imediatamente. O domingo acabou e, quando a segunda chegou, as nuvens não estavam mais lá. Ainda assim tudo parecia perfeitamente igual. Entretanto o bom dia no escritório foi diferente. Marcel parou de sonhar com tudo o que estivesse muito distante.

Quando Clarice chegou perto de sua mesa e perguntou-lhe sobre os contratos da financeira, Marcel, com um gesto natural e mais distante do que sempre fizera perguntou:

- Começa hoje a V Mostra de Cinema Alemão no Espaço Cultural Brasil-Alemão, você não quer ir comigo?



Clarice, espantada, aceitou o convite, se esquecendo de suas obrigações familiares. Embora trabalhassem há mais de três anos juntos, a amizade entre eles não passava de bons dias. Para ela, a preocupação de Marcel era sobreviver, exatamente como ela se portava.

O encontro de nossos amigos foi bem diferente do que qualquer um deles pudesse esperar. A sala do cinema era pequena e aconchegante. Poucas pessoas esperavam a sessão começar.

- Marcel, por que você me convidou?

- Na verdade, não sei. Acho que cansei de desconhecer quem está ao nosso lado. E, depois que li estes versos, achei que poderia ser diferente.

Clarice pegou o pequeno livro e leu a dedicatória como se cada palavra fosse uma adaga a penetrar-lhe o corpo. Foi um modo estranho de descobrir algo. Ela sempre achou que as verdades viessem como raios, envoltas em luz radiante e acontecimentos misteriosos e inusitados. Ao terminar, respondeu:

- Eu acho que sim. Às vezes me sinto assim. Às vezes sinto que estamos ao lado de máquinas, sem vida própria.

O título do filme pouco importância teve naquele encontro. Pela primeira vez em suas vidas, aquelas pessoas se encontraram. Naquele dia descobriram quão distante e difícil é conversar e se identificar com seus companheiros de trabalho, sala, quarto...

As mudanças em Clarice e Marcel foram tão profundas que não se notou diferença. Os novos amigos renderam-se ao trabalho como sempre fizeram, mas agora com um novo sentido. Não se isolavam mais na multidão.

Paulo ficava na mesa do canto e gostava de romances policiais como Marcel. Estudava ocultismo e psicologia. Ultimamente estava interessadíssimo em neurolinguística. Marcel jamais ouvira falar nisso, mas a curiosidade o levou a conhecer este mundo novo.

Marcel que sempre gostara do mundo solitário e fantasioso dos livros reencontrou o prazer da leitura através das pessoas.

Numa noite ao descobrir o peso das palavras e a impressão que estas causam na mente, percebeu a força e o poder de cada pessoa. Distinguiu, imaginou e conheceu novos horizontes, estendendo-se além das lições. De olho nos mistérios do mundo, teve sua maior descoberta.

Foi assim que Marcel conheceu Julio. Apesar do jeitão meio desengonçado, era o amigo para o chopinho de sábado. Jornalista inveterado, como ele mesmo costumava dizer, adorava calorosas discussões sobre como mudar o mundo, além de ser fanático por jazz.

Levando uma vida muito simples, mas com paixão pelo que fazia, Julio aprendeu como desfrutar os momentos sem culpa, sem pressa. Tornou-se muito amigo de Clarice que descobriu o árduo trabalho de ver o novo no meio da rotina.

Numa sexta, qualquer dançar pareceu a melhor opção. Clarice e Marcel detestavam estes lugares cheios de gente, música alta. Mas, naquela noite no meio de tanta gente estranha, encontraram Adriana.

Ela trabalhava num escritório de contabilidade no andar de baixo da agência. Marcel foi o primeiro que conversou com ela, mas foi Clarice que descobriu junto com Adriana

uma paixão escondida pela culinária. Aprendeu a admirar e ter prazer com as coisas simples. Clarice e Adriana eram nada parecidas. Adriana, meiga e tranqüila, Clarice ativa e bastante agitada. Elas tinham comportamentos distintos, mas a simbiose era quase perfeita, uma transmitia a outra um pouco de si.

Com os jantares da dupla imbatível de cozinheiras, o quinteto se reunia todas as sextas-feiras para conversarem e, como não podia deixar de ser, viverem. A cada semana, além de novas receitas, novos amigos ou antigas receitas com antigos amigos, surgiam discussões e longas conversas. Após alguns anos e muito lentamente, o quinteto foi dissolvido. Como o músico de uma banda, cada um seguiu seu caminho, embora até hoje de vez em quando eles ainda se encontrem para tocarem juntos. ☀

**Mônica Venson é jornalista
em Foz do Iguaçu.**





"Nove luas", cera de abelha e madeira



"Caverna do coração", cerâmica/raku e cinzas de fogão

32 olhos
escrita

"Particolare". Detalhes de instalações, de LÚCIA MISAEL,
artista plástica em Curitiba e coordenadora do projeto
"Imagine" em Patrimônio Faria, Colombo, Paraná.

Si pudiera...

*Si pudiera volar...
Si pudiera besar...
Si pudiera vivir...
Yo pudiera sentir
La sensación del amar.
Mi arco iris tiene muchos colores
Pero no sé cuál elegir
No sé cuál sabe amar
No sé cuál sabe mentir
No sé cuál sabe cantar
No sé cuál es el romántico
No sé cuál es el enamorado
No sé cuál es el antipático
No sé cuál es el preparado.
Pero sé...
Que necessito un color
Para completar mi amor.
Y podré volar
Podré besar
Podré vivir
Sentiré la sensación del amar
Sin descansar.*

Despertarte

Amarte fue igual que despertarte,
Estabas en la obscuridad
Y la soledad te atormentaba,
Sin saber el por que.
Te contesté una sonrisa
Y te fue como un dulce besar,
Porque tus labios son mi vicio.
Tus ojos son como el hondo del pozo
Ellos son los que dan gozo,
Para vivir sin tener que partir.
Tus brazos
Son como lazos
Para mi corazón.
Pero tu mirada me da fuerza
Por eso quiero tenerte a mi lado
Y dejarte enamorado

Las consecuencias

El agua de mar acalma
El alma.
El sol arde mi piel
Siendo my cruel.
El viento es como
Un dulce aliento
Que sopla y da movimiento.

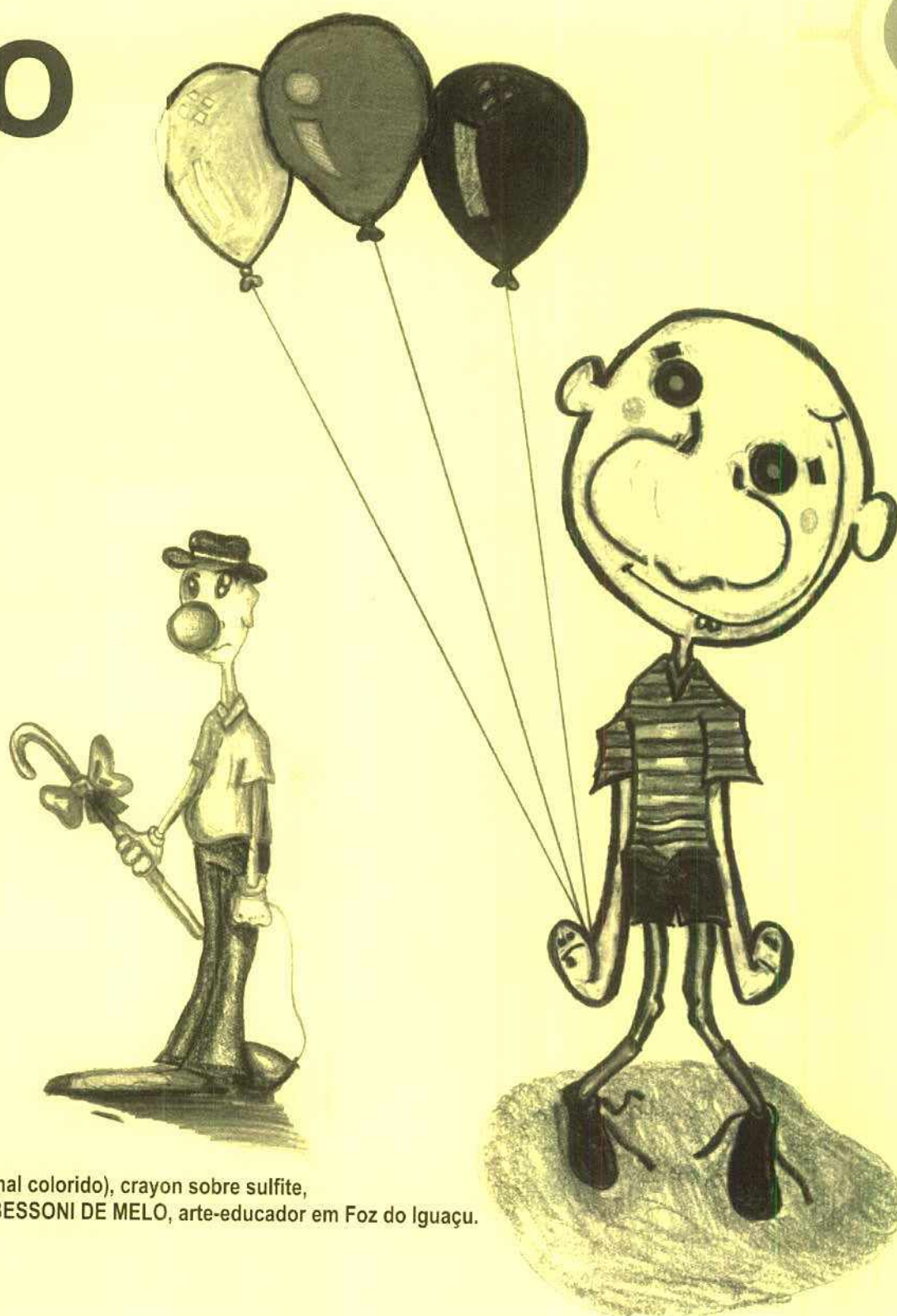
Las nubes son como algodón,
Sin precisión ni condición.
La luna es tan romántica,
Como la aromática noche de amor.
Las estrellas brillan
Con un afán de marías.
El volcán en erosión,
Es como la emoción de mi corazón.

Cuando está nublado
El cielo está ironizado
Por no tener el sol a su lado.
¿por qué tener que fingir?
Si sé mentir.

Jullianna Barreto Aquino
Reside em Hernandarias, Paraguai
e cursa Jornalismo em Foz do Iguaçu.



soujo



Desenho (original colorido), crayon sobre sulfite,
de DOUGLAS BESSONI DE MELO, arte-educador em Foz do Iguaçu.



**Bem-vindo
Welcome
Bienvenido
Benvenuto
Bienvenue**



Loja de artesanato



Cafeteria

RUA DO CARMO, 50, SANTO ANTONIO
FONE: (71) 32425151
SALVADOR - BAHIA - BRASIL



A L P E N D R E
Advocacia & Consultoria

Fone/fax: (41) 3019.6774

alpendre@alpendreadvocacia.com.br
www.alpendreadvocacia.com.br

Rua Carneiro Lobo, 570
Edifício Trade Tower
Conjunto 1505
Batel
Curitiba
Paraná



Tecnologia - Produtos - Qualidade - Serviços - Compromisso

Aqui você encontra tudo o que precisa
para o conforto de seu lar e escritório.

ARCONFOZ
CONDICIONADORES DE AR SPLIT

FUJITSU

YORK

Conserto e manutenção em
toda a linha de eletrodomésticos
Electrolux, Consul e Brastemp

TRANE

www.arconfoz.com.br

Fone: (45) 3574.6366 / Fax: (45) 3523.0435

e-mail: arconfoz@zipfoz.com.br - Rua Marechal Floriano Peixoto, 1311, sala 2 - Foz do Iguaçu - Pr.

SUB E SOB O MUNDO

Sem pentes no cabelo
Dentes postiços
Riem a angústia
na liberdade Escrava.
Solitários desamparos
Terapêuticos e
Psicólogos
Tentam a cura.
Desfiles carnavalescos
Propõem a ironia
Sambam e dançam
Com a lama lavada
Suam o desprezo
Enganam a falácia humana
Adulterada na lágrima
De um pierrô.

ALUCINAÇÃO PEDANTE

Ficaram os sonhos
Espetáculos plantados
Tédio amortecido
Tristeza mistura a morfina
Resistência
Calou-se!
Planos mudos
Sem julgamentos.
Sorrisos cor do mar
No retrato
Num cemitério
Força falsa e
Sofrimento poluído

Chore
Grite
Saudade cansativa
Depressiva
Infelicidade prisioneira
Solidão
Resta o reflexo
Lágrimas estão escorrendo
Nesta inquietação interna
Vontade de um abraço
E desejos amputados

Lados ocos
Lados opostos
Lados loucos
Lados
Simplesmente lados
Somente os lados.
Lados Lodos
Ofuscados por dissertações
de miséria.
Afaga com facas
Veículos pensantes
Consumidos pela lucidez
Amolados pela fé.
Lados pensantes
lados oprimidos
Desvirginados
Filosofados
Os lados resistem
Em seus nacos
e lodos
Vulgarizados pelo tímido
Presente.

Desenho, tinta e sulfite, de RODRIGO RIVAS VARGAS,
estudante de Publicidade e Propaganda em Foz do Iguaçu.



Sobre a leitura de livros

A leitura nos salva de tudo, inclusive de nós mesmos.

E, acima de tudo, lemos contra a morte. Encontrei estas frases em minhas anotações sobre a importância da leitura.

Sobre a literatura estava anotado: os livros de literatura devem ser lidos porque não servem para coisa alguma. Única coisa que se pode apresentar é que ler literatura é melhor do que não ler literatura.

Não sei quem são os autores destas idéias. Não anotei quem as escreveu, nem o lugar onde estavam escritas e, muito menos, as datas em que fiz estas anotações, mas ainda concordo com elas. Fazem pensar no prazer da leitura que só pode acontecer quando ela não tem finalidade. Como o jogo e o brincar. Atividades constituídas por um fim em si mesmo, não um meio para atingir um fim, como no trabalho.

Ler literatura com prazer implica compartilhar significados com outros, o escritor e os outros leitores. Quando lemos, criamos imagens. Construimos significados. Vivemos experiências e realidades que outros viveram. Comungamos e brigamos, dialogamos e criticamos, nos aproximamos de outros mundos e nos distanciamos deles. Compartilhamos emoções e sentimentos que nenhum modelo mecanicista consegue descrever e explicar.

Longe de querer explicar o que é ler, pois seria descrever um dos funcionamentos mais complexos da mente humana, afirmamos a sua complexidade.

Então, fica claro que ler literatura não serve para nada, não tem nenhuma utilidade imediata. Isto não quer dizer que ler literatura não tenha seus reflexos na constituição dos sujeitos que lêem. Pelo contrário, somos, em parte, o produto do que lemos e também, do que não lemos.

Entende-se que a literatura propicia uma reorganização das nossas percepções do mundo e abre a possibilidade para outros sentidos e novas ordenações das experiências. A literatura pode provocar a formação de novos padrões e o desenvolvimento do senso crítico.

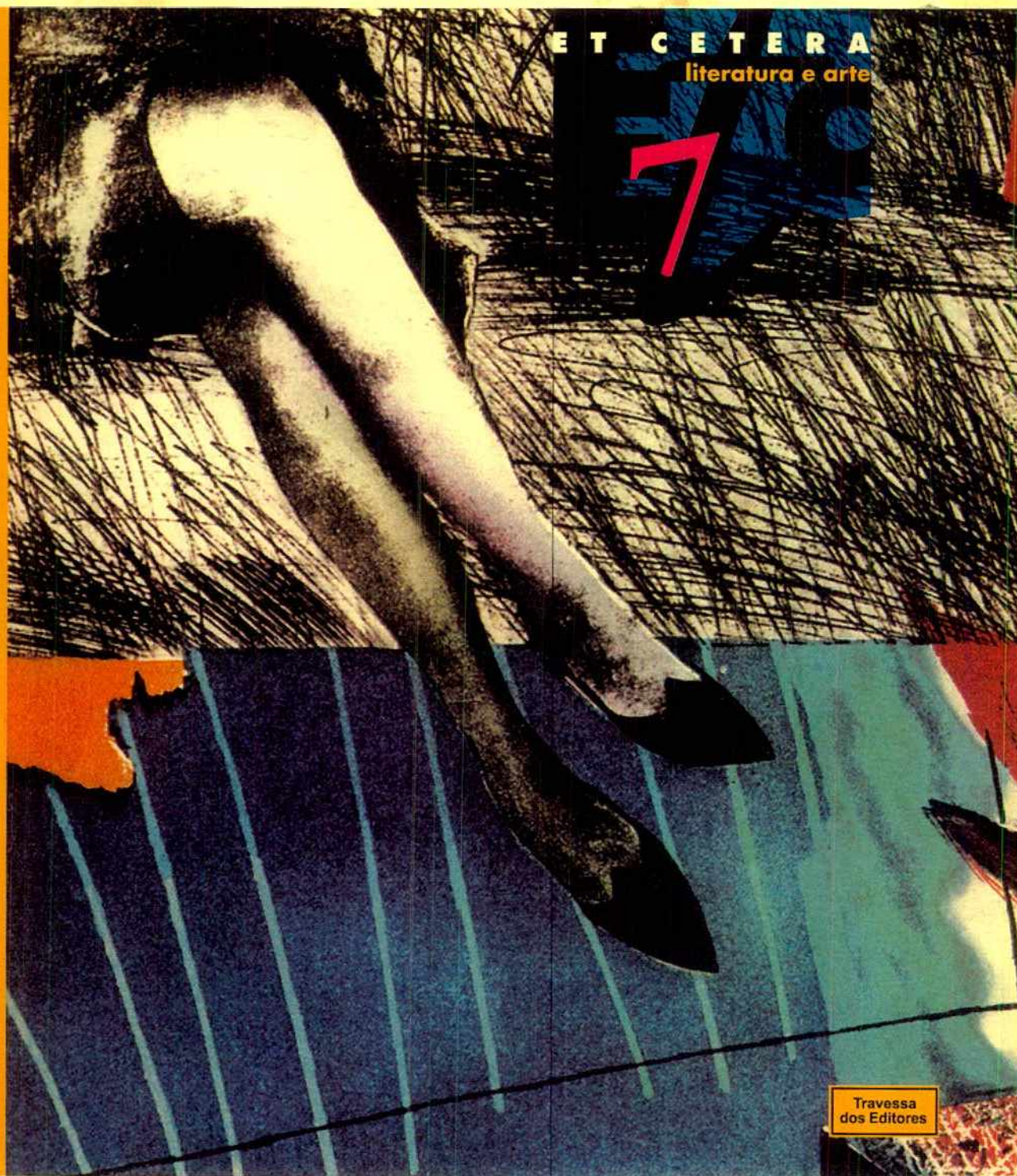
Transformar o mundo é também transformar a sua linguagem, combater sua esclerose e resistir aos seus acomodamentos, livrá-la de estereótipos, de chavões, lugares-comuns e preconceitos. A leitura como apresentação de novas possibilidades de vivências sociais, políticas e culturais, surge como forma de ampliação dos limites existenciais e de apreensão do mundo.

A leitura acompanhada da escrita torna possível outro espaço de expressão de nosso olhar sobre o mundo. Criar condições de expressão é, também relativizar o poder da voz dominante como única voz de verdade e criar oportunidades para o questionamento de hábitos e valores estabelecidos e arraigados.

Embora novos meios de comunicação estejam presentes no cotidiano das pessoas e sejam muito eficazes na transmissão de informação e de cultura, o livro, não apenas por seu formato e características físicas, é ainda o principal detentor de conhecimento dos últimos cinco séculos. O objeto livro é a maneira mais democrática de adquirir um conhecimento. Todo ato de leitura pressupõe uma atitude, desde a escolha do lugar até a forma de lidar com a palavra escrita. O livro é auto-sustentável, livre, enquanto que, nas outras mídias, o processo de recepção de informações é imposto e fragmentado.

Portanto, se a leitura de livros é tão importante na constituição de pessoas autônomas, como podemos formar leitores? A única evidência é de que o acesso ao livro é fundamental. O livro deve fazer parte do cotidiano das pessoas como um objeto necessário. Para o incentivo à leitura é fundamental que livros, revistas, dicionários estejam presentes no universo da criança e do jovem como objetos de grande valor e importância. Quando o livro passa a ser associado a cobranças, provas, tarefas escolares e até castigos, ele deixa de ser um objeto interessante e passa a ser um objeto a ser evitado. ☀

Denise de Camargo é doutora em Psicologia Escolar em Curitiba.



Revista Et Cetera. Literatura e arte.

www.travessadoseditores.com.br



O ano é 1959. O presidente Juscelino Kubitschek chega à fronteira para entregar uma importante etapa da construção da Ponte da Amizade. Duas décadas depois, o líder trabalhista Leonel Brizola passa o primeiro dia no Brasil, em Foz do Iguaçu, após 15 anos de exílio. O que os dois momentos históricos têm a ver um com o outro? Ambos ficaram hospedados no Hotel das Cataratas quando vieram à cidade, assim como muitos reis, princesas, presidentes, artistas, entre outras tantas personalidades que chegaram aqui por diferentes motivos. Quer conhecer um pouco mais da história iguaçuense? Visite a exposição "Personagens e fatos de Foz do Iguaçu" no hotel ou site www.brdigital.com/tropical



TROPICAL
DAS CATARATAS

PARANÁ • BRASIL

Rodovia das Cataratas - Km 28 - Foz do Iguaçu - PR
Telefone: (45) 2102-7000 - www.tropicalhotel.com.br



SA 8000 - Responsabilidade Social
ISO 9001:2000 - Sistema de Gestão de Qualidade
ISO 14001 - Ambiental